

MADAME DE STAËL EM PERIÓDICOS BRASILEIROS DE 1830 A 1860: NOTÍCIAS BIOGRÁFICAS E *DE L'ALLEMAGNE*

MADAME DE STAËL IN BRAZILIAN PERIODICALS FROM 1830 TO 1860: BIOGRAPHICAL NOTES AND *DE L'ALLEMAGNE*

Francisco Gesival Gurgel de SALES*

<https://orcid.org/0000-0002-0323-0085>

Wiebke Röben de Alencar XAVIER**

<https://orcid.org/0000-0003-3291-5451>

Resumo: O artigo objetiva rastrear ecos da literatura alemã a partir da figura mediadora de Annie-Louise-Germaine Necker, baronesa de Staël-Holstein, mais conhecida por Madame de Staël (1766-1817), e da sua obra *De l'Allemagne* (1813) nos periódicos oitocentistas brasileiros das décadas de 1830 a 1860. Apresentamos, em primeiro momento, uma visão geral da figura staeliana em circulação no espaço da imprensa, especialmente, sob o ponto de vista de textos e comentários de natureza biográfica. Em segundo momento, o artigo deteve-se na presença de Mme de Staël nos periódicos, reconhecendo o aspecto internacional de sua obra ao veicular conceitos fundamentais da literatura alemã que servem como focos de interesse dos jornais brasileiros ao universo da “escola” romântica. Para tanto, utilizamos, como fonte de consulta material, o acervo virtual da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e, como norte teórico-metodológico, o conceito de *transferts culturels* (Espagne, 1988; 2017) e as abordagens de Antônio Candido sobre a formação da literatura brasileira. Trata-se de um estudo de caso das complexas dinâmicas discursivas em torno da configuração da memória cultural estrangeira no contexto de formação da literatura brasileira nesse momento histórico dos meados do século XIX.

Palavras-chave: *De l'Allemagne*; Madame de Staël; periódicos brasileiros; notas biográficas; formação da literatura brasileira.

Abstract: This article aims to trace echoes of German literature from the mediating figure of Annie-Louise-Germaine Necker, Baroness of Staël-Holstein, better known as Madame de Staël (1766-1817), and her work *De l'Allemagne* (1813) in Brazilian nineteenth-century periodicals from the 1830s to 1860s. Firstly, an overview of the Staelian figure in circulation in the press is presented, with a particular focus on texts and comments of a biographical nature. Secondly, the article focused on the presence of Mme de Staël in the periodicals, recognizing the international aspect of her work by conveying fundamental concepts of German literature that serve as focuses of interest for Brazilian newspapers in the universe of the romantic “school”. To achieve this objective, the virtual collection of the Hemeroteca Digital of the Fundação Biblioteca Nacional served as the source for material consultation. Additionally, the concept of cultural transfers (ESPAGNE, 1988; 2017) and Antônio Candido's approaches to the formation of Brazilian literature were employed as the theoretical-methodological guide. This is a case study of the complex discursive dynamics surrounding the configuration of foreign cultural memory in the context of the formation of Brazilian literature at this historical moment in the mid-19th century.

Keywords: *De l'Allemagne*; Madame de Staël; brazilian periodicals; biographical notes; formation of brazilian literature.

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: gessivalg@gmail.com.

** Professora Adjunta IV do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas (DLLEM) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Doutora em Literatura. E-mail: wiebke.xavier@ufrn.br.

Introdução

No Brasil do século XIX, a imprensa periódica constitui um veículo significativo dos mais diversos campos da sociedade. Nesse espaço de circulação de textos e figuras, coabitam mundividências históricas, culturais, econômicas, artísticas, filosóficas, críticas, informativas, políticas e científicas. Ao concentrar essa multifacetada realidade, as páginas dos jornais oitocentistas, outrossim, não somente divulgam opiniões, percepções, produtos, modas ou novidades, elas também se tornam lugar de construção do imaginário dos leitores. Portanto, é comum que, dentre essas imagens em circulação, deparemo-nos com certo acervo biográfico em torno de personalidades universais, consideradas relevantes à época. Trata-se de notas biográficas, notícias, comentários, artigos e até retratos que, ao propagarem curiosidades que alimentam determinado público interessado, acabam configurando ecos dessas personalidades e dos seus escritos nos debates diversos sobre a formação e o desenvolvimento da própria literatura nacional. Quase sempre sob a ótica de uma retórica ensaística e entusiasta, os colaboradores dos jornais, ao escreverem sobre figuras estrangeiras, recorrem a relatos que circulam em publicações ou que são tomados como informações de conhecimentos gerais do público leitor. A franco-suíça Annie-Louise-Germaine Necker, baronesa de Staël-Holstein, chamada Madame de Staël (1766-1817), como figura e com os seus escritos, é uma dessas personalidades universais de destaque povoando as páginas dos jornais brasileiros.

O objetivo primordial deste artigo é redescobrir traços dessa presença de Madame de Staël como vetor intercultural, dada a sua presença em periódicos oitocentistas brasileiros nos meados do século XIX¹, valendo-se de seu papel mediador entre a literatura alemã e o panorama de formação literária no Brasil. Cabe destacar que as evidências percebidas “são indicativos da dimensão transatlântica do culto biográfico e monumental à memória” (Xavier, 2021, p. 329) de autores em destaque no contexto internacional. Num primeiro momento, apresentaremos uma visão geral da figura staëliana em circulação no espaço da imprensa periódica, especialmente sob o ponto de vista de textos e comentários de natureza biográfica que objetivam, na sua maioria, uma dimensão geral educativa para a juventude.

¹A pesquisa utilizou como fonte os arquivos de periódicos digitalizados da Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <digital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Na segunda parte, focaremos a presença da autora franco-suíça nos periódicos das décadas de 1830 a 1860, analisando o discurso de reconhecimento do aspecto internacional de sua obra ao veicular conceitos fundamentais da literatura alemã que sirvam como focos de interesse dos jornais brasileiros ao universo da “escola” romântica. Aqui, o princípio, articulado na sua obra *De l’Allemagne* [Da Alemanha] (1813), de que “[...] as nações devem servir de guia umas às outras, e todas errariam em privar-se das luzes que podem compartilhar [...]” (Staël, 2016, trad. Míssio, p. 419)², parece orientar o ideário de formação de nossa literatura, motivando a perspectiva dos colaboradores dos periódicos na intenção de manter uma comunicação intercultural. Isso mostra uma dimensão global do que Pierre Macherey analisou, utilizando-se do conceito *de transferts culturels* no contexto franco-alemão, sobre cultura nacional e cultura cosmopolita em Mme de Staël (Macherey, 1988).

Desse prisma, tais interesses dos colaboradores dos jornais por Madame de Staël apontam para duas convergências de orientação formativa e de fatores diacrônicos a partir da sua obra *De l’Allemagne*: uma primeira valendo-se da teoria cosmopolita da autora, que Pierre Macherey e Udo Schöning classificam, a partir da ideia de *transferts culturels*, como um programa de “formação de uma rede internacional [internationale Vernetzung]” (Schöning, 2002, p. 21, tradução nossa), baseando-se em dois pré-requisitos staélianos, quais sejam, em sua perspectiva de uma principal independência das literaturas nacionais e, ao mesmo tempo, em sua ideia de uma unidade superordenada das literaturas.

Mas como Mme de Staël agora vê estes fatores histórico-diacrônicos de literatura, ela pode diferenciar as literaturas e ver o contraste histórico condicionado como sinal de uma literatura livre. [Trata-se] de uma diferenciação de caráter interno, [...] dentro da qual a unidade só pode ser garantida através do intercâmbio - através do que chamamos de *Transfer* e que Mme de Staël descreve, em uma analogia característica, e de inspiração liberalista à economia, como um “comércio de ideias”. (Schöning, 2002, p. 21-22, tradução e grifo nossos)³.

² Recorremos em seguida a essa tradução brasileira, de Edmir Míssio, publicada pela Editora Unesp, em 2016.

³ No original: *Weil aber Mme de Staël jetzt diese entwicklungsgeschichtlichen Faktoren von Literatur sieht, kann sie Literaturen differenzieren und die historisch bedingte Differenz als Signum einer freien Literatur sehen. [Es handelt] sich um eine Binnendifferenzierung, [...] innerhalb derer die Einheit nur durch Austausch gewährleistet werden kann – durch das also, was wir als Transfer bezeichnen und Mme de Staël in charakteristischer, nämlich liberalistisch inspirierter Analogie zur Ökonomie als “Ideenhandel” beschreibt.*

Uma outra postura já se configura no estabelecimento de tal “comércio de ideias”, a partir da atenção dedicada pela imprensa periódica à obra de Germaine de Staël. Ou seja, os intelectuais brasileiros assumem a perspectiva crítica da autora franco-suíça, ao mesmo tempo que travam com a obra desta uma comunicação internacional, guiando-se no facho de luz que indica o quanto “[...] será proveitoso, em todos os países, acolher os pensamentos estrangeiros, pois nesse gênero a hospitalidade faz a fortuna daquele que hospeda [...]” (Staël, 2016, p. 420).

Assim sendo, utilizamos a metáfora do farol staëliano para contextualizar a presença da autora e das suas obras nos periódicos como ponto de orientação aos intelectuais e público brasileiros. Orientações essas, que implicam novas tendências literárias europeias na conjuntura de (trans-) formação de nosso ambiente literário, pois, como afirma Schöning (2002, p. 21, tradução nossa), “Mme de Staël pensa a internacionalidade de literaturas nacionais”⁴.

Uma das esferas da materialidade que nos leva a acompanhar o percurso da autora como uma personalidade interessante nos periódicos diz respeito à constante investida sobre a vida da escritora. A seção seguinte, em que destacamos as notícias biográficas, aponta para uma figura-modelo cuja formação ilustre, com referências ao contexto iluminista, estabelece pontos de legitimação de Madame de Staël como exemplo da intelectualidade a ser buscada no Brasil, nas décadas de 1830 a 1860.

Notice biographique: Madame de Staël, modelo de formação ilustre e de espírito intelectual

Os motivos que podem explicar o interesse pela “belle étrangère [bela estrangeira]” (Macherey, 1988, p. 416) são múltiplos, diversos e apresentáveis quando os agrupamos em aspectos construtivos que retratam a figura da baronesa: vão desde a prodigiosa criança em seu ambiente de formação intelectual criterioso; os cuidados de seus pais, Suzanne Curchod e Jacques Necker; a menina que, logo aos quinze anos, dedica-se à leitura de filósofos ilustres e tece comentários sobre o *Espírito das Leis*, de Montesquieu; passam, então, por especulações e polêmicas sobre seus relacionamentos amorosos; a natureza de suas ideias e preferências políticas; o conflito com Napoleão Bonaparte e sua conseqüente vida errante, os exílios ou desterros (termo este de maior ocorrência); e chegam ao amor pela liberdade, pela pátria, pela literatura e ao envolvimento com a

⁴ No original: *Mme de Staël denkt die Internationalität nationaler Literaturen*.

Revolução Francesa; à postura imponente e ilustre de seu discurso e de sua figura; ao talento raro para as letras e à comprometida carreira intelectual. Todos esses aspectos são temas que fertilizam a pena dos colaboradores dos periódicos e dão forma ao compósito mosaico da figura staëliana.

Percebe-se que a imagem que se constrói e se propaga dessa marcante personagem não se prende à determinada polêmica ou episódio específico de sua vida, nem ainda, à certa característica peculiar, curiosidade ou feito singular. Decerto, os múltiplos aspectos que circunscrevem o nome de Madame de Staël apontam para o reconhecimento de uma figura que reúne concepções e elementos bastante afinados com o público leitor brasileiro dos jornais e revistas.

Selecionamos alguns textos de caráter biográfico no intuito de apresentarmos a imagem compósita de Madame de Staël em circulação nas páginas desses periódicos. O primeiro deles foi publicado no *Museo Universal: Jornal das Famílias Brasileiras* (RJ), em 1839. Nele, o autor anônimo enfatiza, no artigo “Biografia. Madame de Staël”, a figura da intelectual franco-suíça como marco na transição do século XVIII para o século XIX, abordando episódios formativos de sua infância, como o zelo de seus pais pela educação da pródiga menina:

O salão em que sobre hum pequeno tamborete de madeira se sentava mademoiselle Necker, ao lado da poltrona de sua mãe⁵, era para a ela a mais instructiva das classes: aí se tratavão as mais altas questões; Thomas, Buffon, Raynal, Marmontel, aí se encontravão com Champfort, com Grimm, e nenhum deles desdenhava a pratica de huma criança que os maravilhava pela vivacidade de seus conceitos (Anônimo, *Museo Universal*, 1839, p. 55).

O autor se refere ao salão intelectual mantido por Madame Necker, frequentado pelos mais distintos pensadores, filósofos e escritores setecentistas. Vale destaque a presença da jovem Mademoiselle Necker (futura Baronesa de Staël-Holstein), que, pela “[...] vivacidade de seus conceitos [...]” (Anônimo, *Museo Universal*, 1839, p. 55), acaba maravilhando os importantes frequentadores do salão. Quase sempre, os registros biográficos nos jornais irão mencionar o contexto de educação de Madame de Staël, veiculando uma imagem de prestígio intelectual já desde muito jovem.

Assim é que também aborda um outro artigo, de autoria anônima e intitulado “Biografia”, desta vez no periódico pernambucano *O Brinco das Damas*, comentando sobre a fase de formação e educação de Annie-Louise Germaine Necker: “Mr Necker,

⁵ Será mantida a grafia da época, conservando-se, pois, as formas textuais das páginas dos periódicos.

homem ilustrado e celebre se havia encarregado da completa educação de sua filha, que aos dez anos já conversava com vivacidade e exatidão de idéas, pelo que a admiravam os maiores talentos do século passado que frequentavam a casa de seu pai” (Anônimo, O Brinco das Damas, 1849, p. 2).

Um outro ponto explorado pelo texto é a íntima relação entre Mademoiselle Necker e seu pai Jacques Necker, cuidador das finanças na monarquia de Luís XVI. De acordo com o autor do texto, a jovem nutre pelo pai tamanho fascínio e admiração, de modo que “em quanto o possuio, nunca quis encarar a ideia de que podia perdê-lo; depois da sua morte, nunca pôde subtrahir-se a ideia de que o tinha perdido [...]” (Anônimo, O Brinco das Damas, 1849, p. 2). O *Novo Correio das Modas* aponta, em seu artigo “Madame de Staël”, que o apego à figura paterna e a Paris teria resultado, inclusive, na recusa de casamento, aos 16 anos de idade, com o estadista britânico William Pitt, uma vez que, contraindo matrimônio com o inglês, tornara-se constante a ameaça de deixar aqueles dois grandes amores de sua vida (Norberto, 1854, p. 92). A morte do Sr. Necker teria lhe causado dor e tristezas irreparáveis, fato esse que ilustrará a tendência melancólica de sua literatura romântica: “[...] A tristeza penetra muito mais profundamente no caráter e no destino do homem do que qualquer outra disposição da alma [...].”⁶ (Staël, 1799, p. 212, tradução nossa) [...]. A distância de seu país e de seu pai, em razão do exílio, aparecem como chagas intensas na vida de Germaine de Staël.

No que se refere à sua vida conjugal, a ocorrência mais comentada pelos jornais é o matrimônio com o Barão de Staël-Holstein que, devido à proteção de Gustavo III, teria triunfado de seus rivais quanto à mão da jovem Annie-Louise Germaine. No entanto, o casamento não implicara grandes sucessos, “[...] começou friamente e acabou do mesmo modo [...]”, muito devido à assimetria intelectual entre os cônjuges, ele “[...] homem nullo que casa com huma mulher talentosa [...]” (Anônimo, Museo Universal, 1839, p. 55). E é justamente sob o prisma do talento e das ideias que Madame de Staël é equiparada aos homens, ora “[...] elevando-se pela força do pensamento, pelo prestígio da palavra e do estylo, acima de todo o seu sexo, veio colocar-se na literatura a par dos maiores homens [...]” (Anônimo, Museo Universal, 1839, p. 55), ora “[...] dotada de um talento raro no seu sexo e não comum na sociedade [...]” (Anônimo, O Brinco Das Damas, 1849, p. 2); ora, ainda, uma mulher “[...] cujo nome caminha a par dos de muitos homens ilustres [...]” (Norberto, 1854, p. 92).

⁶ No original: *La tristesse fait pénétrer bien plus avant dans le caractère et la destinée de l'homme que toute autre disposition de l'âme.*

Nas páginas dos periódicos oitocentistas brasileiros, Madame de Staël figura como um núcleo pulsante e pensante em torno do qual inflamam-se as ideias revolucionárias que impulsionam os mais importantes acontecimentos políticos e literários de sua época. Nesse contexto e “[...] medrando por essa serie d’estudos, tornou-se o seu pensamento huma potencia que lutou durante o império e contra a potencia de Napoleão [...]” (Anônimo, *Museo Universal*, 1839, p. 55). Já no segundo decênio de sua vida, ela “[...] teve de lutar no campo da politica, e de experimentar todas as alternativas de terror e de esperança, no meio da agitação que appareceu antes e immediatamente com a Revolução Francesa [...]” (Anônimo, *O Brinco Das Damas*, 1849, p. 2-3).

O exílio, para o qual a denominação “desterro” é mais frequente, acentua, no contexto do jornal, o abismo político que separa o imperador Napoleão Bonaparte e Madame de Staël. Os escritos e discursos desta (como também de seu pai) incitam a cólera do monarca que “[...] perde a paciência, e dos degraos do throno imperial banio para a distancia de 40 legoas de Paris aquella para quem a residência de Paris era a mesma existência [...]” (Anônimo, *Museo Universal*, 1839, p. 55). A relação entre os dois constrói-se sob o signo da perseguição e do terror por parte do governo de Napoleão: “O governo do terror fez ver madama de Stael debaixo de outro aspecto: muitos proscriptos se homisiarão no seu palácio, e foram salvos pela sua coragem e presença de espirito [...]” (Norberto, 1854, p. 93). “Coragem” e “presença de espírito” são características que delineiam a figura heroica e sensata de Madame de Staël apresentando ao leitor e à leitora um gênio que luta pela liberdade, utilizando como arma, a intelectualidade e generosidade.

O artigo “Biographia Madame de Staël” no *Museo Universal* acompanha um retrato dela e conclui com um trecho em português de Madame Necker sobre a sua filha. O excerto selecionado pelo periódico é pleno de caracterizações muito elevadas da sua fisionomia e da sua personalidade: tinha o rosto como um “órgão d’alma”, apresentava uma “belleza intellectual”, “[...] a sua physionomia era, por assim dizer, creada de improviso pela emoção”, “[...] o gênio brilhava subitamente em seus olhos [...]” (Anônimo, *Museo Universal*, 1839, p. 56). Vale considerar que essas descrições resultam numa imagem “romantizada” de Madame de Staël, descrições que vão aparecer aos montes nas caracterizações de heroínas nas narrativas românticas posteriores. Há, claramente, um intuito de mesclagem da faceta histórica da autora com uma certa simbologia romântica que envolve o imaginário universal ao redor da sua figura.

Os textos analisados costumam apresentar, no final, um fechamento com uma opinião geral do autor sobre a importância da intelectual franco-suíça no campo do desenvolvimento das ideias e das letras. Assim é que “à sua existência acha-se ligada a história das ideias para o passado e presente, à sua marcha para o futuro. O seu nome não he hum desses nomes que se pode riscar arbitrariamente da lista geral, sem despedaçar a cadeia das influencias e dos progressos [...]” (Anônimo, Museo Universal, 1839, p. 56).

Corroboram com essas considerações o artigo do *Novo Correio das Modas*, ao reconhecer o papel central de Madame de Staël na literatura e na política para todo um século. E conclui descrevendo-a como “viva, ardente, sensível e exaltada”, reunindo em si “[...] todas as vantagens e inconvenientes de uma imaginação fogosa e poética [...]” (Norberto, 1854, p. 93).

No entanto, é o periódico baiano *O Crepusculo: Periodico Instructivo e Moral* do Instituto Literário da Bahia, em Salvador, que traz a lume textos mais desenvolvidos sobre a figura da autora. Publicadas em três partes na seção “Litteratura”, as notícias biográficas intituladas “Madame de Stael I”, “Madame de Stael II” e “Madame de Stael III” saem assinadas, respectivamente, pelo médico, professor da Faculdade de Medicina de Salvador e fundador do *Diário da Bahia*, Demétrio Cyriaco Tourinho, e pelo vice-diretor do Instituto Literário da Bahia, o também doutor em medicina Manuel Genésio de Oliveira, no ano de 1846.

O Crepusculo (1845-1847) era um jornal de pequeno formato que, inicialmente, saía a cada quinzena (a partir do terceiro volume, passa a ser publicado mensalmente), tendo como colaboradores um grupo de jovens médicos ou acadêmicos de medicina. A relevância desse agrupamento de médicos-letrados, como aponta Salles (2007, p. 161), reside no fato de formarem “[...] um grupo sintonizado com as ideias dominantes da época, cujos membros já exerciam influência na vida cultural baiana (alguns, aliás, viriam depois a exercer papel destacado).” Tal aspecto já colocaria o periódico tanto como antena de captação quanto como vetor de divulgação de ideias no ambiente cultural baiano. A intenção de “[...] modificar a situação e atraso cultural pelas letras [...] como efeito da crença de que o cultivo das letras e de algumas ciências [...] influiria de modo categórico para modificar o conceito cultural do Brasil” (Salles, 2007, p. 164-165), demonstra a fervorosa preocupação formativa de cujo núcleo seria a literatura motor responsável para o desenvolvimento intelectual e cultural do Brasil.

Mesmo atuando num contexto provinciano, os colaboradores de *O Crepusculo* ambicionavam, a partir de uma comunicação internacional, contribuir para a inserção do

Brasil na dinâmica historiográfica das literaturas ocidentais. Para tanto, traziam epígrafes e citações, principalmente em francês, comentários sobre intelectuais europeus e fizeram com que o modesto periódico atravessasse o Atlântico, chegando às mãos de Almeida Garrett. O contato com o importante escritor português resultava da busca por “[...] atingir o reconhecimento europeu de que o Brasil alcançara o progresso e a civilização capazes de ‘ombrear-lo no concerto das nações’ [...]” (Salles, 2007, p. 165). O reconhecimento chegaria em carta de Garrett destinada a Abílio Cezar Borges, diretor do periódico baiano. Na carta, o literato português elogiava o primeiro número de *O Crepúsculo*, recebido em Lisboa. Entre esses médicos-literatos que colaboraram com o jornal, estavam, como já mencionado, Demétrio Cyriaco Tourinho e Manuel Genésio de Oliveira, que publicaram os três artigos sobre Madame de Staël em 1846.

No artigo “Madame de Stael I”, o médico-literato Tourinho expressa “[...] grandíssima admiração e entusiasmo [...]” pelas obras da “[...] celebre Mulher [...]”, descrevendo-a como “[o] mais enérgico Escripitor (ao dizer dos Jornalistas de Edimburgo) que a França produziu no tempo de Rousseau e Voltaire, e o mais afamado de seu sexo de quantos tem aparecido [...]” e atribui-lhe as alcunhas de “[...] Filosofa, Moralista, e Política [...]” (Tourinho, 1846a, p. 137). Segue o artigo revelando a difícil tarefa de apresentar a biografia da autora, o que resulta num texto que mais apresenta considerações sobre a parte literária, na maioria das vezes, apoiando-se e sugerindo a consulta a “[...] obras que dela extensamente se occupão [...]” (Tourinho, 1846a, p. 138).

O escrito parece seguir o mesmo desenvolvimento dos demais apresentados acima: inicia com breves considerações sobre a sua educação e “instrução brilhante” e expõe o que chama de “modelo de amor filial” que ilustra a relação com o pai. Esse autor baiano dá destaque ao compromisso de Annie-Louise Germaine com a atividade intelectual apontando que

[s]ua vida se passou no silencio do gabinete: ou lia, ou escrevia ou meditava, e foi por esta applicação continua, e huma intelligência pouco vulgar, e huma imaginação mui viva, que ella se elevou á cima de muitos escriptores de sua época, legando á posteridade hum nome digno dos maiores elogios (Tourinho, 1846a, p. 138).

Aqui, a figura de Madame de Staël é composta a partir da aglutinação de virtudes distintas: de um lado, a disciplina e o comprometimento constantes para com a atividade intelectual; de outro, a tendência imaginativa e criativa ligada a uma espécie de condição peculiar subjetiva. É, pois, sob os desígnios de “[...] huma grande sabedoria e natural

simplicidade [...]” (Tourinho, 1846a, p. 138), que Tourinho julga o sucesso das obras dela. Seguem-se a tais determinações gerais, breves avaliações de alguns de seus escritos da juventude, como a *Influência das paixões*, *Cartas sobre Jean-Jacques Rousseau* e, ainda, a interpretação, com sua “[...] admirável clareza de estilo [...]” (Tourinho, 1846a, p. 138), do *Contrato Social*, obra notadamente relevante de Rousseau.

O segundo artigo, intitulado “Madame de Stael II”, dessa vez assinado por Manuel Genésio de Oliveira, destaca a participação efetiva da autora na Revolução Francesa. Participação essa resultante da natureza de seus princípios políticos que a “[...] elevavam ao maior gráo de entusiasmo pela liberdade [...]” (Oliveira, 1846, p. 164). Dessa maneira, mostra-se aqui que uma peça crucial do mosaico que compõe a projeção jornalística da figura cosmopolita de Madame de Staël é a luta pela liberdade como princípio entusiasta de seu pensamento, mas também de seu caráter. Muitas vezes, os textos de caráter biográfico dos periódicos dão-nos uma noção disso como algo impregnado à imagem da intelectual franco-suíça, aspecto, aliás, de extrema afinidade com reflexões sobre o ideário de formação dos estados nacionais.

O terceiro artigo, “Madame de Stael III”, novamente assinado por Tourinho, explora brevemente os romances *Delphine* (1802) e *Corinne ou l’Italie* (1807). O autor se utiliza de um argumento autobiográfico nessas obras, defendendo o fato de as figuras protagonistas serem elas retratos sinceros da própria Madame de Staël. Desse modo, os aspectos apreciados nos romances tratam de características inerentes à autora, sendo que em “Delphina” o amor “[...] é pintado em sua mais nobre exaltação [...]”. Nele é que Madame de Staël abordaria princípios tais quais “[...] seu pensamento melancólico da mocidade, sua profunda piedade, a felicidade do amor conjugal e aqueles vivíssimos pensamentos que as ocasiões lhe sugerirão [...]” (Tourinho, 1846b, p. 185). Em “Corinna”, o colaborador do periódico exalta a dicotomia entre entusiasmo e dor, traçando caracteres intrínsecos à escrita e à personalidade de Germaine de Staël: “[...] coração apaixonado, terno e melancólico, seu destino envolvido de mysterios [...]”, a consciência de seu talento, e da admiração que excita [...], sua melancholia continua, sua natural eloquência [...]” (Tourinho, 1846b, p. 186).

Nos textos levados em consideração, torna-se evidente um esforço dos colaboradores dos jornais em atingir a sensibilidade dos leitores e leitoras a partir de sua própria subjetividade. A imagem que se produz de Madame de Staël nas páginas dos jornais é digna de profunda admiração do público, ao unir intelectualidade, participação política e talento à presença de espírito e à sinceridade de sua arte. Soma-se a isso uma

certa glamourização da autora, ao evocarem-se seus contatos pessoais com as mais famosas figuras da intelectualidade da época, como os filósofos que frequentam o Castelo de Coppet e a relação ou a proximidade com os alemães, tais quais Goethe, Schiller e August Wilhelm von Schlegel. Além de Schlegel, frequentavam o salão de Germaine de Staël, em Coppet, na Suíça, Benjamin Constant, Talleyrand, Zacharias Werner, Sismonde de Sismondi e Vincenzo Monti. “Esse círculo ficaria conhecido pela denominação de Grupo de Coppet, notabilizando-se por suas produções no campo da tradução, das ficções e especialmente da história” (Míssio, 2016, p. 13). De acordo com Barroso (2014, p. 36): “O Grupo de Coppet possuía uma orientação filosófica que preconizava a discussão e o livre exame das ideias, sendo o escritor um homem livre. O objetivo intelectual daquele grupo era o de buscar realizar a promessa de liberdade que as luzes prometiam, mas que a Revolução Francesa não soubera realizar.”

As fontes para as múltiplas notícias biográficas eram praticamente obras do contexto da recepção europeia de língua francesa, circulando também no mercado editorial brasileiro. Trata-se, entre outros textos, de notícias publicadas por parentes sobre sua infância, de citações de cartas publicadas sobre a infância dela, de trechos das suas cartas sobre J.J. Rousseau, e de relatos sobre análises filosóficas do gênio dela. O efeito jornalístico e educativo dessa instrumentalização das obras biográficas era a aproximação da autora ao público leitor brasileiro. Por isso, não se encontram publicamente comentários sobre os vários relacionamentos de Mme de Staël, dos quais resultaram também as suas crianças de diferentes pais, ou conteúdos críticos das suas correspondências, nas quais ela falava com bastante sinceridade sobre as suas impressões e encontros com personalidades como Goethe e Schiller. O que circulava dela sobre a literatura e os autores de língua alemã eram seus ensaios e abordagens na obra *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, publicado em 1800, e republicado em 1860, e especificamente na sua obra *De l'Allemagne*, de 1813, que já na época fazia parte do cânone de literatura considerada universal.

A internacionalidade e o espírito intelectual de Madame de Staël: a poesia moderna e a literatura alemã

Falar de uma “internacionalidade de Madame de Staël” significa, para nós, reconhecê-la dentro de uma dinâmica de circulação e de reinterpretações que se estabelece para além das fronteiras de seu país e além ainda do contexto geográfico europeu. As relações transatlânticas (a circulação de pessoas e mercadorias, dentre as

quais, revistas e livros) ocorridas no século XIX, aliadas a uma tendência de receptividade de ideias europeias, fazem com que a autora ocupe lugar de destaque no discurso inicial de formação da literatura brasileira em meados do século XIX.

Em *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, obra de relevância ímpar para o debate crítico e histórico sobre a literatura brasileira, Antonio Candido posiciona a nossa autora como peça do sustentáculo crítico de orientação literária aos nossos intelectuais e poetas, sintetizando que, em solo brasileiro, “[...] estava lançada a cartada, fundindo medíocre, mas fecundamente, para uso nosso, o complexo Schlegel-Staël-Humboldt-Chateaubriand-Denis [...]” (Candido, 1981, p. 13). O argumento de Candido formula-se tendo em vista a noção desse complexo de pensadores. No entanto, destina a Madame de Staël uma zona sólida de orientação procedimental e teórica à efervescente literatura nacional, tendo em vista um certo eixo staëliano que desemboca em terras tropicais a partir de condutores intelectuais como Ferdinand Denis (1798-1890). Nas palavras do crítico brasileiro, “[...] Denis aplicou ao nosso caso, com grande acuidade, certos princípios da então jovem teoria romântica, sobretudo como vinha expressa na obra de quatro escritores: Chateaubriand, Madame de Staël, Augusto Guilherme Schlegel e Sismonde de Sismondi” (Candido, 1981, p. 319).

Uma questão, portanto, que se coloca para nós como núcleo de reflexão parte da análise de como se estabelece uma presença significativa de Madame de Staël no contexto brasileiro, levando em conta “momentos decisivos” da nossa formação literária, ilustrados aqui, a propósito, com as publicações dos médicos-literatos em *O Crepúsculo*. Candido reconhece duas perspectivas conceituais basilares: uma enfatiza a noção de “cor local”, principalmente estabelecida em *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales* (1799); outra trava relação entre poesia clássica e poesia romântica, ou o conceito de literatura moderna, veiculada sobretudo em *De l’Allemagne*, pois “[...] através dela, a maioria dos escritores tomou conhecimento da distinção clássico-romântico, bem como da contribuição alemã ao pensamento moderno [...]” (Candido, 1981, p. 321).

Os influxos dessas noções aclimatam-se tanto a partir da circulação de tais obras em solo brasileiro, como atestam as consultas a catálogos de livreiros e anúncios de vendas em jornais, como também, tal visto em Candido, por meio do trabalho crítico de intérpretes como Denis, e de cientistas como Alexander von Humboldt. Podemos, portanto, pensar na internacionalidade de Madame de Staël a partir de seu próprio conceito de cultura nacional e cosmopolita, estruturado com base na observação e

interpretação crítica de diferentes literaturas, e voltado a um esforço de popularização de autores alemães, sob o propósito de definição da estética romântica. Em todo caso, Staël se perfila como “[...] figura onipresente, empenhada na constituição do romantismo como um fenômeno internacional [...]” (Silva, 2020, p. 201-202).

Madame de Staël é internacional, sobretudo porque seu pensamento configura-se sempre no trânsito entre os povos, na atitude cosmopolita do olhar transnacional, cujas ideias tornam-se fochos de luz voltados à necessidade da descrição da literatura moderna, como um farol que orienta o trajeto de passagem entre os séculos. Acrescenta-se a isso o fato de sua ocorrência na dinâmica da imprensa periódica, em que nos deparamos com o compósito de uma figura essencialmente internacional, para além das fronteiras geográficas e culturais, elo de conexão entre matrizes nacionais, fonte de síntese do ideário literário entre os séculos.

Schöning destaca o papel de mediadora e farol internacional baseando-se em dois fatores: “der frühe Moment [o momento histórico extemporâneo]” do seu conceito e o papel central do grupo de Coppet:

De fato, muito cedo e a partir de uma posição central, ela [...] não só viu, mas também exigiu e promoveu tanto uma nacionalidade quanto uma internacionalidade da literatura. Portanto, não é exagero dizer que não se pode, do ponto de vista histórico, falar adequadamente sobre a internacionalidade das literaturas nacionais sem mencionar o nome de Germaine de Staël. (Schöning, 2002, p. 10, tradução nossa)⁷

Ora, essa argumentação de Schöning pode ser aplicada também, como vimos demonstrando, ao contexto brasileiro com base na presença de remissões à pessoa de Mme de Staël e à obra *De l'Allemagne* em periódicos brasileiros das décadas de 1830 a 1860. Reafirma-se nos periódicos a posição de intermediação da autora para a literatura alemã: “Mas o que vem ao nosso proposito he que uma obra admirável, a Alemanha [*De l'Allemagne*] da mulher ilustre que citamos, abre uma nova era de imitação para os francezes. Desde então, imitam a litteratura alleman, mas não com exclusão de outras [...]” (Ribeiro, 1843, p. 14). Nesse artigo “Litteratura: Da Nacionalidade da Poesia Brasileira”, do jornal *Minerva Brasiliense*, o autor Santiago Nunes Ribeiro⁸ destaca que

⁷ No original: *In der Tat hat sie sehr früh und von zentraler Stelle aus [...] sowohl eine Nationalität, als auch eine Internationalität der Literatur nicht nur gesehen, sondern auch gefordert und gefördert. Es ist daher kaum übertrieben zu sagen, man könne historisch nicht angemessen über Internationalität nationaler Literaturen sprechen, ohne den Namen Germaine de Staël zu erwähnen.*

⁸ Teria nascido no Chile e, quando órfão, trazido ao Brasil por um tio sacerdote, foragido de questões políticas. “A sua vida intelectual gravita ao redor da *Minerva Brasiliense*, de que foi colaborador desde o

era essa obra de Madame de Staël o fator preponderante na divulgação da literatura alemã na França e, ainda mais, o que impulsionava o procedimento de “imitação” dos modelos germânicos em França.

Dentre nós, a partir dos esforços de teorização da escola romântica nos periódicos, a filiação ao pensamento de Germaine de Staël vislumbra-se sob a perspectiva de fatores caros à crítica staëliana: a inspiração na natureza local, a melancolia ilustrada em Goethe e, também em sintonia com o poeta de Weimar, a predominância da imaginação. O artigo “Literatura Pátria”, de A. S. Prado, por exemplo, destaca que “[...] Madame de Staël caracteriza a poesia de Goethe como o fructo das *doenças da imaginação de seu século* [...]” (Prado, 1859, p. 38, grifo nosso), e sintetiza para os seus leitores características do movimento intercultural promovido ante o contexto de formação da nossa literatura: busca-se já no periódico brasileiro do século XIX uma definição teórica embasada na fertilidade de manifestações intelectuais alemãs mediadas pela crítica produzida pela franco-suíça Madame de Staël. A condição pátria dos próprios atores dessa sistemática acaba expondo os contornos da noção de internacionalidade mencionada antes: trata-se, mais uma vez, de uma intelectual franco-suíça discorrendo sobre literatura alemã, recebida em solo brasileiro. Assim, reiteramos o caráter internacional de nossa autora, baseados no entendimento de que sua obra sobre a Alemanha extrapola a “[...] proposta de divulgação das ideias germânicas em França, [tornando-se] um marco teórico a ser seguido pelas futuras filosofias nacionais [...]” (Coelho, 2010, p. 2).

O movimento operado, portanto, pelos intelectuais brasileiros e, mais especificamente, no nível dos periódicos, com as referências transnacionais, concorre para a concepção teórica de Madame de Staël de que “[...] não há identidade cultural a não ser dentro da relação cultural que une todas as culturas, uma opondo-se à outra [...]” (Macherey, 1988, p. 425, tradução supressão nossa)⁹. Tal perspectiva torna-se, assim, um percurso de orientação ao contexto cultural brasileiro na medida em que se observa um esforço de inclusão do Brasil na rota da literatura ocidental, principalmente, a partir da oposição romântica nacional à literatura europeia. A literatura aparece, enfim, como fator histórico de mediação cultural e de legitimação identitária.

início, mais tarde redator, e onde se contém a maioria do que escreveu – ensaios e notas que revelam acentuado nacionalismo literário” (Candido, 1981, p. 390).

⁹ No original: [...] *il n'y a d'identité culturelle qu' à l'intérieure du rapport culturel qui rassemble toutes les cultures en les opposant entre elles.*

Schöning atenta para a eclosão do movimento romântico em diferentes nações como algo sem precedentes na história literária, mas alerta para o aspecto maleável de suas manifestações e das assimetrias do próprio conceito de romantismo em regiões diversas do globo. Daí que essa simultaneidade de ocorrências do termo romântico (primeira metade do século XIX) resulta “[...] precisamente daquela rede internacional na qual Mme. de Staël foi um fator importante”¹⁰ (Schöning, 2002, p. 11, tradução nossa).

Levando em consideração tais assimetrias entre os diversos *romantismos* de fins do século XVIII a meados do século XIX, e compreendendo que há algo que se poderia chamar em comum como “o romântico”, cada literatura nacional tem o seu próprio romantismo. É viável mencionar, então, que as acepções que flutuam em torno do termo “romantismo”, “literatura romântica” ou “romântico” ainda perturbam a compreensão dos letrados portugueses e brasileiros. Em texto publicado pelo *Universo Pittoresco*, periódico português presente no Brasil, o autor J. M. da Silva Leal evidencia que romântico é “[...] uma palavra que quasi se pôde dizer, que ainda está por definir [...]” (Silva Leal, 1841, p. 254), apontando que a palavra teria sido cunhada por Madame de Staël, uma das “[...] cabeças da nova escola [...]” (Silva Leal, 1841, p. 254). Os parâmetros norteadores da literatura romântica, assim dizemos, povoam, todavia, as páginas dos periódicos brasileiros, quando se mostra que “[...] bem digna de estudar-se é a litteratura alemã, d’onde sahiu a naturalidade das antigas crenças, e o peculiar de seo paiz” (Canovaz, 1848, p. 119).

Daí, sobressai-se uma questão: os textos dos periódicos indicam uma configuração do romantismo partindo das concepções de Madame de Staël. A autora, em sua obra *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, entende que “[...] “Os povos do norte estão menos ocupados com os prazeres do que com a dor; e sua imaginação é ainda mais fértil por isso. O espetáculo da natureza age fortemente sobre eles; a natureza age, como ela se mostra em seus climas, sempre sombria e nebulosa.”¹¹(Staël, 1799, p. 214, tradução nossa). De que maneira, pois, o nosso romantismo apreendeu esse princípio, considerando o fato de sermos uma nação do Sul? Isto é, os fatores locais e geográficos *clima* e *natureza* poderiam, então, inspirar e produzir uma literatura robusta equiparada à europeia? Consoante Zilbermann (1997, p. 104, supressões

¹⁰ No original: [...] sondern ist Ergebnis eben jener internationalen Vernetzung, in der Mme de Staël ein wichtiger Faktor war.

¹¹ No original: Les peuples du nord sont moins occupés des plaisirs que de la douleur; et leur imagination n’en est que plus féconde. Le spectacle de la nature agit fortement sur eux; elle agit, comme elle se montre dans leurs climats, toujours sombre et nébuleuse.

nossas), “[...] a conceituação de Staël constitui [...] um dos fundamentos para a construção da história da literatura de feição romântica [...]”; entretanto, torna-se evidente que tal conceituação carece de um trabalho de reinterpretação no contexto brasileiro no tocante à definição do que significaria, entre nós, o termo “romântico” em literatura. Couto de Magalhães faria um adendo ao argumento de Madame de Staël de que “[...] os gelos perennes de que estão continuamente cobertas essas regiões [do Norte] são a razão do grande desenvolvimento da inteligência [...]” (Magalhães, 1859, p. 69). Para ele, tal preceito poderia ser considerado se a influência do mundo físico for decisiva. Para tanto, questiona o atraso intelectual da Sibéria, no norte da Rússia, regiões geladas, e menciona a grandeza da literatura árabe “[...] por si só tão vasta como a somma de quasi todas as litteraturas da Europa [...]” (Magalhães, 1859, p. 69).

Posto isso, podemos constatar que a recorrência a Madame de Staël, na tentativa de elucidação do quadro multifacetado do romantismo brasileiro, pode ocorrer por vias críticas e não apenas contemplativas, demonstrando uma dada consciência do intelectual brasileiro ante necessidades do contexto local, uma vez que

[a] internacionalidade do Romantismo não deve ser entendida historicamente como a soma das literaturas românticas nacionais nem como uma sobreposição mais ou menos grande de literaturas nacionais individuais com um modelo romântico, mas como um fenômeno intercultural, ou seja, como um processo de transferência que ocorreu entre a respectiva cultura de origem (que pode ser uma cultura de mediação) e a respectiva cultura-alvo (Schöning, 2002, p. 13, tradução nossa).¹²

Parte do perfil de Madame de Staël constitui-se sob o prisma do descortinamento da literatura alemã perante os franceses e outros povos da Europa. Em nossas terras, a circulação de periódicos, muitos deles estrangeiros, ou a publicação de artigos e biografias provenientes de fontes de leituras estrangeiras, revelam o interesse do público brasileiro pela intelectualidade alemã. As personalidades, a poesia e o teatro românticos, advindos das terras germânicas, especialmente de Weimar, aparecem comumente filtrados pela descrição staeliana, pois Madame de Staël, empreendendo os relatos de viagens, a comunicação pelas cartas, o exercício da tradução (como já havia procedido com a versão francesa para o *Cours de littérature dramatique* de A. W. Schlegel, de

¹² No original: [...] die Internationalität der Romantik ist weder als Summe der nationalen romantischen Literaturen noch als mehr oder weniger große Überschneidung einzelner nationaler Literaturen mit einem romantischen Muster historisch zu erfassen, sondern als interkulturelles Phänomen, das heißt als Transferprozeß, der zwischen jeweiliger Ausgangskultur (die eine Vermittlungskultur sein kann) und jeweiliger Zielkultur stattgefunden hat.

1809), utilizava de forma exemplar as possibilidades de uma comunicação em nível internacional. Nesse contexto, os intelectuais brasileiros acessam esse universo literário alemão por meio do conhecimento biográfico de autores como Goethe, Schiller, Klopstock, Herder e Wieland, das descrições de Weimar e das relações entre literatura e política, literatura e religião ou literatura e filosofia na Alemanha, como atesta a sequência de artigos publicados pela *Revista nacional e estrangeira*¹³ que, como sugere o próprio título, propõe um diálogo intercultural, ou seja, internacional.

Os escritos de Germaine de Staël sobre os autores alemães acabam ainda por fazer germinar nos periódicos uma certa noção de definição ou de imagem do intelectual entre nós. Tal imagem advém, a propósito, de uma perspectiva de análise subjetiva adotada pela autora, corroborada aqui pela opinião de Macherey (1988, p. 420, tradução nossa): “Mme de Staël fez sua grande viagem à Alemanha em 1802/1803: pode-se dizer que nessa ocasião ela descobriu a Alemanha, e que ela queria partilhar sua descoberta com o grande público mas é melhor dizer, antes, que ela inventou a Alemanha, do que a descobriu.”¹⁴ O interesse pelos alemães, notadamente mediante às recorrentes publicações de textos sobre Schiller e Goethe, faz surgir a preocupação pelo discernimento do papel do intelectual, de sua formação e de seu caráter. No tópico sobre Schiller, em *De l'Allemagne*, Madame de Staël recorre a uma descrição do autor calcada no princípio do caráter moral e da verdade de seus escritos:

Schiller era um homem de um gênio raro e de uma boa-fé perfeita: essas duas qualidades deveriam ser inseparáveis, ao menos em um homem de letras. O pensamento somente pode ser igualado à ação quando desperta em nós a imagem da verdade; a mentira é ainda mais repugnante nos escritos do que na conduta. As ações, mesmo enganosas, permanecem ainda ações, e sabemos o que levar em conta para julgá-las ou odiá-las; mas as obras são apenas um amontoado fastidioso de palavras vãs, quando não partem de uma convicção sincera (Staël, 2016, p. 163).

Esse perfil que se constrói do intelectual balizado pelo fator da sinceridade de seus escritos é abordado pelos textos dos jornais, demonstrando um certo esforço de caracterização desse sujeito. Tal aspecto é retomado em uma biografia de Schiller

¹³ *O Theatro Romantico*, 1839; *Viagem Pela Allemanha*, 1839; *Reforma da Litteratura na Allemanha*, 1840. Os textos estão disponíveis para acesso na plataforma da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁴ No original : *Mme. de Staël a accompli son grand voyage en Allemagne (1802/1803): on pourrait dire qu'à cette occasion elle a decouvert l'Allemagne, et qu'elle a voulu faire profiter de sa découverte le grand publique; mais il vaut mieux dire q'elle a inventé l'Allemagne, plutôt qu'elle ne l' a découverte.* Ver sobre essa invenção particularmente também o artigo de Susanne Mildner sobre as (des)ilusões entre Madame de Staël e Goethe durante a sua estadia em Weimar em 1803-1804 (Mildner, 2019, p. 25-36).

publicada em *O Despertador*, ao apontar que “[...] o seu talento dramático era o exacto resultado da sua organização essencialmente poética; e talvez que nenhum literato patenteasse tanto como ele o seu character nas suas obras. Mme de Stael disse: A sua consciência, a sua musa, os seus escriptos são ele [...]” (Anônimo, *O Despertador*, 1840, p. 3). Assim, o que se nota é que o método de apreciação e descrição adotado por Madame de Staël parece moldar não apenas a criação da imagem do intelectual dentre nós, mas, ainda, certa atitude metódica e crítica perante a categorização, reiterando como princípio norteador o caráter moral mediante a sinceridade da obra e veracidade dos escritos.

Além do mais, os comentários sobre a literatura alemã que trafegam entre nós pelos periódicos nessas décadas de 1830 a 1860 são entusiásticos e condizem com uma concepção de literatura nova e moderna. Foi destacado, por exemplo, nesse debate jornalístico, que o livro de Madame de Staël sobre os alemães e a Alemanha, suprimido pelo ministro da polícia de Napoleão, acusado de antipatriótico, representava um enfrentamento do materialismo do século e oferecia à França – junto com *O gênio do cristianismo* (1802), de F. R. de Chateaubriand – certos traços literários que lhe faltavam: “o sentimento religioso, a ideia do bello e do sublime” (Pestana, 1859, p. 2). Antes dessas obras, continua o autor anônimo desse artigo, a literatura francesa, “[...] sob a influencia maléfica das doutrinas da época, era apenas uma fria contemplação do espectáculo grandioso da natureza [...]” (Pestana, 1859, p. 2). Esses registros revelam, no contexto de nosso romantismo, a divulgação de uma poesia calcada em princípios renovadores, a saber o cristianismo, o belo e o sublime. Staël buscara na Alemanha, ou seja, “inventara” na sua obra, uma visão do espírito novo da literatura romântica, espírito tal em circulação também nos periódicos brasileiros das décadas de 1830 a 1860, posto que

[S]tael, a portentosa mulher do século 19, a inteligência feminil elevada ao mais alto grau de cultura e perfeição, pretendeu iniciar os seus compatriotas em uma literatura nova cheia de belezas, e fazer despertar no coração d’elles o sentimento do bello, iniciando-os ao mesmo tempo numa filosofia, que comquanto não seja completa contudo era a maior barreira que se podia oppôr ao materialismo dominante (Pestana, 1859, p. 2-3).

Claro está, a propósito, que, no alvorecer de uma literatura nossa, a distinção entre duas naturezas poéticas é pedra de fundação: a saber, a dicotomia clássico-moderno, clássico-romântico.

Quase sempre em defesa da nova escola, os textos das seções de literatura retomam o pensamento de Madame de Staël, presente em *De l’Allemagne*, caudatário de A. W.

Schlegel. A distinção é evidente em comentários que legam à poesia clássica características que a tornariam encarnada no “[...] materialismo da escola sensualista, pallida, sem alma e sem o divino sopro da inspiração religiosa [...]”, opondo-a à poesia romântica, protestada pelos “[...] gênios de Mme. de Staël e de Mr. Chateaubriand [...]” (Anônimo, *Jornal dos Debates*, 1837, p. 87). Para os comentadores brasileiros, “[...] das ruínas das velhas abadias, dos fundos das góthicas chatedraes, da solidão dos bosques, do interior dos claustros [...]” ergue-se “[...] o anjo melancólico da poesia christã, rodeado de perfumes, tangendo a harpa sonora, cujas vozes se evaporam em suspiros melódiosos [...]” (Anônimo, *Jornal dos Debates*, 1837, p. 87).

Essas descrições que abordam um aspecto literário importante nos periódicos brasileiros do Oitocentos constroem-se num rastro de textos cujos parâmetros críticos apontam para um afável encontro com as opiniões de Madame de Staël, sobretudo a partir da circulação de sua obra *De l'Allemagne* ou da presença de comentários secundários a respeito dos conceitos staëlianos de cultura nacional e cosmopolita. Tal obra, que Schöning (2002, p. 23) denomina “Kulturreportage [Reportagem Cultural]” e Macherey (1988, p. 425) “rapport entre les cultures [Relações entre as culturas]”, fora publicada pela primeira vez na Inglaterra e logo depois traduzida para o inglês e outras línguas. O livro deve muito de seu sucesso ao papel simbólico que desempenhou, pois Madame de Staël opta por uma pluralidade das culturas, possibilitando os *transferts*, as relações interculturais. A obra torna-se um ponto de conexão entre as culturas alemã e francesa (a própria autora destina a obra aos franceses)¹⁵ e, pelo fato de apresentar aspectos, conceitos e autores, acaba tornando-se naquelas décadas referência importante para intelectuais de outras partes do globo, incluindo o Brasil.

Considerações Finais

Neste artigo, abordamos certa faceta da presença de Madame de Staël no contexto de formação da literatura brasileira. A partir da apresentação de textos publicados em periódicos, destacamos impressões da intelectual franco-suíça veiculadas nesses periódicos e discutimos temas ligados às suas obras e comentários secundários a respeito dela.

¹⁵ Comentário da própria autora sobre a carta recebida pelo ministro da polícia geral quando da notificação de supressão à obra, bem como de ordem de exílio de Coppet. Conforme tradução de Edmir Missio (2016, p. 6): “[...] é aos franceses, tais como os conheci, que dirigirei com confiança um escrito no qual tratei, o melhor que pude, de assinalar a glória dos trabalhos do espírito humano [...]”.

Em primeiro lugar, o interesse pela autora alia-se à necessidade de parâmetros críticos, teóricos e históricos que possam garantir a descrição de uma literatura nacional, bem como a formulação de nosso próprio lugar literário diante das nações europeias. De antemão, verificou-se forte tendência de destacar aspectos biográficos da pessoa da jovem Germaine Necker, certo “celebrismo” em torno de sua figura. Apresenta-se nos periódicos um perfil muitas vezes “romantizado” e ilustre.

Essas ocorrências biográficas tornam-se traços de transferências culturais que vão além da mera divulgação de autores europeus no Brasil, ao elaborarem ressemantizações da imagem e das ideias críticas da intelectual europeia no contexto local e nacional. O terreno do jornal se mostra de grande relevância não apenas para a circulação do pensamento da autora, mas, sobretudo, para reinterpretações de sua imagem e de suas impressões acerca da literatura alemã na literatura de chegada, conforme Xavier (2021) no contexto da (trans-)formação da literatura brasileira durante o período entre 1830 e 1860. Constatamos, ademais, o destaque ao caráter internacional e cosmopolita de Madame de Staël na agregação de propostas, descrições e possibilidades oferecidas e traçadas pelos colaboradores dos periódicos brasileiros, dada a necessidade, naquele momento histórico, de se encontrar um lugar próprio para as Letras brasileiras.

Destacamos, assim, a valorização do papel de mediadora ou propulsora da literatura alemã atribuído a Madame de Staël em escritos na imprensa oitocentista. Pensamos que tais escritos, durante as décadas de 1830 a 1860, absorvem certas ideias, ao mesmo tempo em que as aclimatam ao ambiente brasileiro. Vale dizer que é partindo dos princípios staelianos veiculados, principalmente em *De la littérature dans ses rapports avec les institutions sociales* e em *De l'Allemagne*, que os textos dos periódicos absorvem as bases de teorização não somente para o romantismo brasileiro em sua fase inicial, mas, sobretudo, para o estabelecimento da literatura brasileira em formação e a compreensão de seu papel histórico.

Referências

ANÔNIMO. Biographia. **O Brinco das Damas**, PE, 1849, p. 2-3. Disponível em <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=819735&pasta=ano%20184&pesq=stael&pagfis=12>. Acesso em: 10/06/2022.

ANÔNIMO. Biographia Madame de Staël. **Museo Universal: Jornal das Famílias Brasileiras**, RJ, 1839, p. 55-56. Disponível em <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=339369&pasta=ano%20183&pesq=stael&pagfis=901>. Acesso em: 10/06/2022.

ANÔNIMO. Biographia Schiller. **O Despertador**, RJ, 1840, p. 3. Disponível em <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706701x&pasta=ano%20184&pesq=schiller&pagfis=2810>. Acesso em: 17/06/2022.

ANÔNIMO. Litteratura. **Jornal dos Debates: Políticos e Litterarios**, RJ, 1837, p. 87-88. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702439&pesq=stael&pagfis=87>. Acesso em: 11/06/2022.

BARROSO, Marco Antonio. A formação de Benjamin Constant, o “Grupo de Coppet” e religião na França revolucionária. **Revista Último Andar – PUC/SP**, n. 24, dezembro de 2014, p. 36-56.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

CANOVAZ, Victor de. O Romance. **Iris: Periodico de Religião, Bellas-Artes, Sciencias, Letras, Historia, Poesia, Romance, Noticias e Variedades**, RJ, 1848, p. 265-269. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=823325&pesq=stael&pagfis=267>. Acesso em: 06/06/2022.

COELHO, Humberto Schubert. **O Descobrimento da Alemanha por Madame de Staël e a Proposta de Regeneração do Espírito Francês**. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-descobrimento-da-alemanha-por-madame-de-stal-e-a-proposta-de-regeneracao-do-esp>. Acesso em: 01/05/2022.

ESPAGNE, Michel. A noção de transferência cultural. Tradução de Dirceu Magri. **Revista Jangada Crítica/Literatura/Artes**, n. 9, jan/jun, 2017, p. 136-147. Disponível em: <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i9.60>. Acesso em: 16/06/2022.

ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. **Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII^e-XIX^e siècles)**. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1988.

MACHEREY, Pierre. “Culture nationale e culture cosmopolite chez Madame de Staël”. In: ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. **Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII^e-XIX^e siècles)**. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1988, p. 409-426.

MAGALHÃES, Couto de. Destino das Letras no Brasil. **Revista da Academia de São Paulo**, SP, 1859, p. 65-74. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=814970&pesq=stael&pagfis=67>. Acesso em: 14/06/2022.

MILDNER, Susanne. (Des)ilusões em Weimar: de Staël encontra “Werther”. **Anuário de Germanística Internacional: número especial para a América Latina**. Curitiba: Quadrioffice 2019, p. 25-36.

NORBERTO, J. Madama de Stael. **Novo Correio das Modas**: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações Históricas, Anedoctas e Charadas, RJ, 1854, p. 92-93. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700053&pasta=ano%20185&pesq=stael&pagfis=1282>. Acesso em: 10/06/2022.

OLIVEIRA, M. G. Madame De Stael II. **O Crepusculo**: Periodico Instructivo e Moral, BA, 1846, p. 164-165. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812897&pesq=stael&pagfis=360>. Acesso em: 10/06/2022.

PRADO, A. S. Litteratura Patria. **Revista da Academia de São Paulo**, SP, 1859, p. 31-40. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=814970&pesq=stael&pagfis=32>. Acesso em: 15/06/2022.

PESTANA, F. Rangel. Napoleão e os Philosophos, Chateaubriand e Stael, Cousin e o Ecletismo. In: **Jornal da Sociedade Philomatica**, RJ, 1859, p. 25, p. 1-4. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=758744&pesq=stael&pagfis=19>. Acesso em: 15/06/2022.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Da Nacionalidade da Literatura Brasileira. **Minerva Brasiliense**: Jornal de Sciencias, Lettras e Artes, RJ, 1843, p. 07-23. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=703095&pasta=ano%20184&pesq=stael&pagfis=15>. Acesso em: 15/06/2022.

SALLES, David. O Crepúsculo - Bahia, 1845/1847, ou Os médicos praticam literatura. **Universitas**, [S. l.], n. 5, 2007, p. 161-167. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/article/view/976>. Acesso em: 16/06/2022.

SCHÖNING, Udo; SEEMANN, Frank (Org.). **Madame de Staël und die Internationalität der europäischen Romantik**. Wallstein: Göttingen, 2002.

SILVA, Felipe Vale da. Úrsula na contramão do romantismo brasileiro: um ensaio de estética comparada. **Revista de Literatura, História e Memória**, Unioeste/Cascavel (PR), v. 16, n. 27, p. 201-225, 2020.

SILVA LEAL, J. M. da. Bibliographia. **Universo Pittoresco**: Jornal de Instrucção e Recreio, Lisboa (POR), 1841, p. 254-256. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=898414&pesq=stael&pagfis=813>. Acesso em: 01/06/2022.

STAËL-HOLSTEIN, Germaine de. **De la littérature, considérée dans ses rapports avec les institutions sociales**, Tome Premier, Paris: Maradan, 1799. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10400965?rk=21459>. Acesso em: 22/07/2022.

STAËL-HOLSTEIN, Germaine de. **Da Alemanha**. Trad. e Apresentação de Edmir Míssio. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

TOURINHO, D. C. Madame De Stael I. **O Crepusculo**: Periodico Instructivo e Moral, BA, 1846a, p. 137-140. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812897&pesq=stael&pagfis=333>. Acesso em: 10/06/2022.

TOURINHO, D. C. Madame De Stael III. **O Crepusculo**: Periodico Instructivo e Moral, BA, 1846b, p. 185-187. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=812897&pesq=stael&pagfis=383>. Acesso em: 15/06/2022.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. Goethe além do nacional: conversações entre Leipzig e Bahia. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41, nº 3 p. 319-337, set-dez, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/83550/47451>. Acesso em: 14/11/2022.

ZILBERMAN, Regina. História literária romântica e o nacionalismo enquanto cânone. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.103-114, 1997.

Recebido em: 30/07/2023

Aceito para publicação em: 13/09/2023